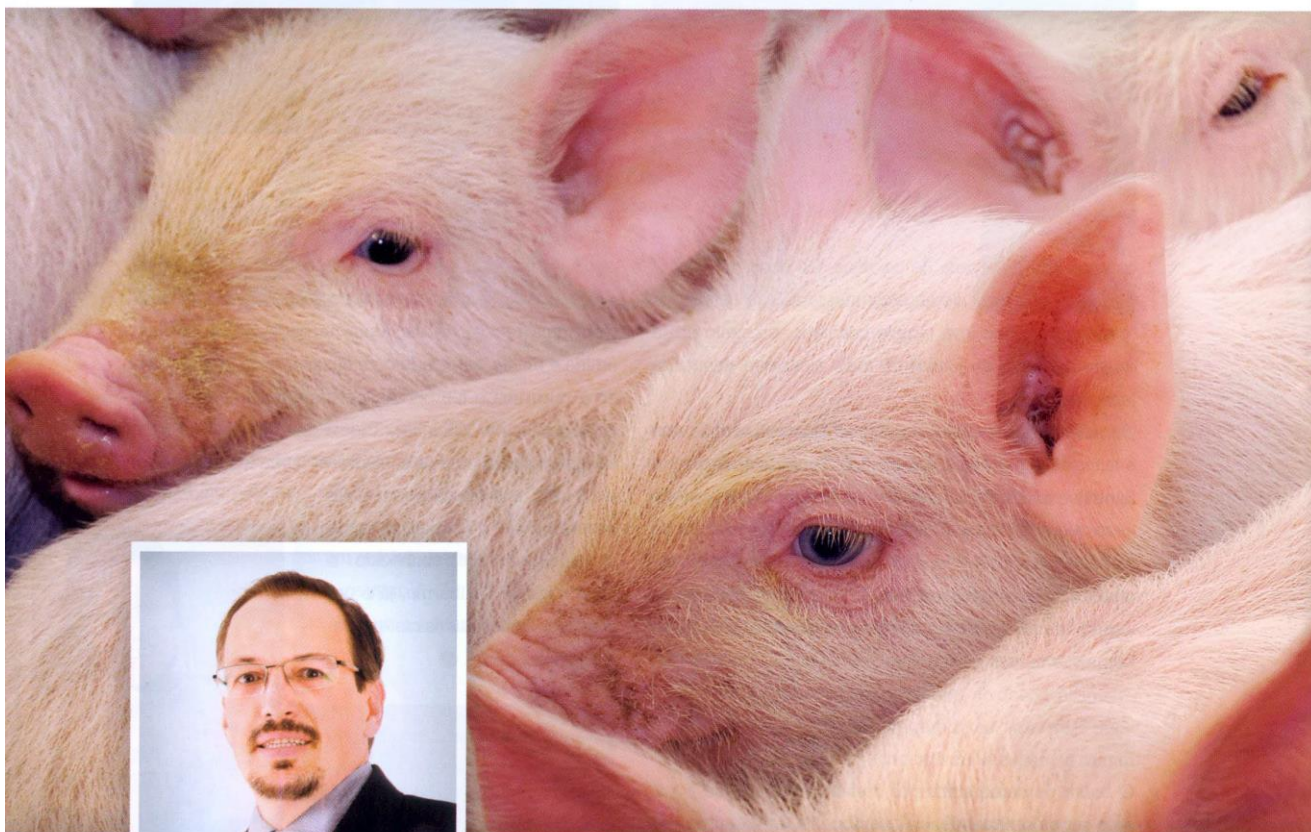




› Conjuntura Econômica ›

MERCADO EM RECUPERAÇÃO ANIMA SUINOCULTORES E SETOR PROJETA CRESCIMENTO

Ao aproximar-se do meio do ano a suinocultura brasileira recupera o ânimo com melhora das cotações no mercado interno, recuperação das exportações, queda do preço do milho e equilíbrio na oferta de animais para o abate. O bom momento da atividade é refletido em projetos de ampliação da produção.



Por Fabiano Coser*



economista austríaco Ludwig von Mises, grande defensor da liberdade econômica como suporte básico da liberdade individual, sentenciou que "não há como escapar das inexoráveis leis do mercado", e experimentar os altos e baixos do mercado de preços do suíno vivo é conviver com esta realidade. Senão vejamos, quantos mercados têm em pouco mais de um ano o surpreendente aumento de 64% e depois a não menos surpreendente queda de 43%. O quilo do suíno vivo no mercado paulista saiu de

R\$ 3,22 em março de 2014 para uma cotação de R\$ 5,28 em novembro do mesmo ano e depois retornou para um mínimo de R\$ 3,01 em maio de 2015 de acordo com os dados do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea).

A forte queda nos preços do quilo do suíno vivo no início de 2015, em meio às incertezas do mercado com as exportações em baixa e o agravamento da crise econômica, trouxe insegurança para o setor. No entanto, o mês de maio terminou trazendo novo ânimo à atividade. Começou com os menores preços do ano e ficou marcado por uma recuperação gradual das cotações. O preço do kg do suíno vivo saiu de R\$ 3,01 na primeira semana do mês para R\$ 3,52 na última semana do mês, ou seja, uma recuperação de 16,94% em menos de 30 dias.

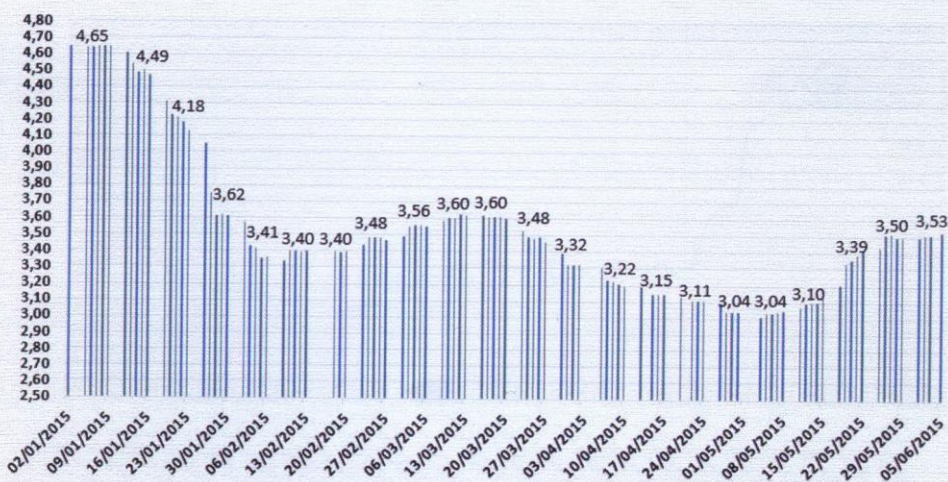
Outro dado positivo para o mês de maio foi a recuperação dos embarques para o exterior, atingindo o maior volume exportado do ano, 40,7 mil toneladas de carne suína *in natura*, de acordo com a Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Secex/MDIC), volume 13,2% superior a abril de 2015 e 25,2% superior a maio de 2014. Depois de um fraco desempenho no comércio exterior no primeiro trimestre, os volumes exportados de carne suína em abril e maio voltaram pelo menos para os patamares próximos aos de 2014, sinalizando

uma pequena recuperação no mercado externo.

Aliado à melhora dos preços do suíno vivo durante o mês de maio, também o preço do milho continuou gradativamente a perder força num movimento que começou no final março. Nos últimos 60 dias o indicador de preços do milho da Esalq/BM&F Bovespa caiu 14,96%, passando de R\$ 0,488 o quilo em 01/04/2015 para R\$ 0,415 em 01/06/2015. Dessa forma, o último mês trouxe um duplo movimento favorável ao produtor; a recuperação do preço do suíno aliado à queda nas cotações do milho, principal item do custo de produção.

A queda no preço dos grãos já era um movimento esperado para 2015 devido ao aumento nos estoques mundiais de cereais e as perspectivas de boas safras para o ano. No início de abril o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) revisou para cima sua expectativa para a safra mundial de soja no ciclo 2014/2015, com projeção de produção de 108,1 milhões de toneladas nos Estados Unidos, 94,5 milhões de toneladas no Brasil e 57 milhões de toneladas para Argentina. O USDA também revisou para cima sua projeção para a safra mundial de milho no ciclo 2014/2015. A estimativa passou para 991,92 milhões de toneladas. Para a safra norte-americana a previsão de produção ficou em 361,09 milhões de toneladas, 75 milhões de toneladas para a safra brasileira e 24

Preço Semanal do Kg do Suíno Vivo no Mercado de São Paulo



Fonte: Elaborado a partir de dados do Cepea/Esalq/USP



milhões de toneladas para a safra Argentina. A queda no preço das *commodities* também é acompanhada pelo índice mensal de preços de alimentos da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), que monitora os mercados de cereais, carnes, leite, açúcar e óleos vegetais. Em maio atingiu seu nível mais baixo desde setembro de 2009, 166,8 pontos, e o grupo dos cereais é justamente o que vem apresentando as maiores quedas. No último mês

o índice de preços de cereais da FAO ficou em 160,8 pontos, 3,8% menor que em abril e 22,4% menor que em maio de 2014. É a menor média mensal desde julho de 2010. O movimento de queda geral no preço dos grãos a partir do segundo semestre de 2014 veio aliviar o custo de produção e contrabalancear a queda no preço do suíno vivo no início de 2015. Este duplo movimento em favor do suinocultor brasileiro no último mês possibilitou a recuperação do poder





de compra frente ao principal insumo da atividade, refletido no aumento do índice de relação de troca entre suíno e milho. De acordo com as cotações médias de preços do suíno vivo no mercado de São Paulo levantado pelo Cepea e do indicador de preços do milho da BM&F Bovespa, a partir da segunda quinzena de maio

a relação de troca suíno vivo x milho voltou a superar o índice de 7,5, ou seja, um (01) kg de suíno vivo possibilitando o produtor adquirir mais de 7,5 kg de milho no mercado paulista. É o melhor índice para a atividade desde o início de fevereiro de 2015, momento em que as cotações do suíno caíram bastante e o preço do grão apresentou uma alta que perdurou até o final do primeiro trimestre.

Outro elemento fundamental de mercado que permitiu a recuperação das cotações do suíno vivo é o equilíbrio na oferta de animais para o abate. A partir do primeiro trimestre de 2014 assistimos há um aumento lento e gradual da oferta para abate nos trimestres seguintes. No entanto, comprova-se agora que os crescimentos dos abates no ano passado foram suficientes apenas para se igualar ao volume ofertado em 2013, sem excessos de produção. Tanto é que o primeiro tri-

mestre de 2015 encerrou com volume de animais abatidos apenas pouco superior ao primeiro trimestre de 2014 e menor que o primeiro trimestre de 2013.

A previsão é de que assim como aconteceu no ano passado o volume ofertado de animais para o abate cresça nos trimestres seguintes, atingido novo pico no final do

“A suinocultura brasileira que viveu em 2014 o melhor momento de mercado de toda a sua história, vai tendo em 2015 também com resultados positivos, fruto do equilíbrio na oferta de animais para o abate e da queda no preço dos grãos, que permitiu uma redução do custo de produção”

ano. Ainda assim, a oferta de animais do segundo trimestre de 2015 vai sofrer uma redução em função das mortalidades de leitões nas primeiras semanas de vida que ocorreram entre o final de 2014 e o início de 2015. No cômputo geral do ano o volume não é suficiente para alterar significativamente a oferta, mas no resultado trimestral pode ser que o volume seja observado mais claramente. Fato é que com uma produção ainda bastante

ajustada esta redução pontual da oferta de alguma forma colaborou com a melhora do mercado.

CRESCIMENTO

Em contraponto à crise da economia brasileira, assistimos neste momento uma forte movimentação de ampliação na produção de suínos que pode até ter a velocidade reduzida em função das incertezas de mercado

Abate Trimestral de Suínos com Inspeção Federal



Fonte: Sistema de Informações Gerenciais do Serviço de Inspeção Federal (SIGSIF/MAPA)

e da redução do crédito, mas que certamente continuará em curso e vai propiciar um período de crescimento da produção brasileira nos próximos cinco anos, entre 2016 e 2020. As principais agroindústrias de suínos do País passaram por um longo processo de reengenharia e começam a planejar seu crescimento. O último

grande projeto agroindustrial de produção de suínos foi instalado em 2007, pela Sadia, em Lucas do Rio Verde, no Mato Grosso.

De lá para cá assistimos a um processo de concentração e mudanças na linha de frente das indústrias brasileiras de carne suína. O demorado processo de fusão

das duas principais empresas, Sadia e Perdigão, que ainda passaram depois disso por um longo processo de ajustes até a última de troca de comando que permitiu a volta da rentabilidade da companhia sob a gestão de Abílio Diniz. Também neste período um novo entrante assumiu a segunda posição do mercado. A compra da Seara pela JBS trouxe a possibilidade de uma nova polarização entre duas grandes indústrias na disputa pelo mercado de aves e suínos.

A BRF já anunciou no final do ano passado um novo grande projeto, a duplicação da produção de suínos da planta do Mato Grosso. A primeira etapa do empreendimento estabilizou-se com 45 mil matrizes em produção, num modelo de alta escala onde 10 granjas integradas de 4,5 mil matrizes cada uma eram responsáveis pela produção dos leitões para engorda dos terminadores. A duplicação do projeto, que já teve o crédito de R\$ 4 bilhões aprovado pelo Banco do Brasil, vai seguir na mesma linha do primeiro, com 10 granjas de 5 mil matrizes cada uma, numa plataforma mais moderna e já em acordo com as novas regras de bem-estar animal anunciadas pela empresa.

A JBS ainda não anunciou, pelo menos publicamente, nenhum projeto de expansão da produção de suínos, mas pelo movimento que fez de estruturação dos setores de aves, suínos e alimentos processados, através da criação da JBS Foods, e da contratação de grande parte dos quadros que deixaram a BRF em todo este processo de reestruturação, não será surpresa se em breve também anunciar uma grande expansão da produção de suínos além de outras possíveis aquisições. A Coopercentral Aurora Alimentos, terceira maior força da suinocultura brasileira, tem gradativamente aumentado sua produção através da melhoria da produtividade e também do aumento das matrizes em algumas das suas cooperativas singulares, como é o caso da Cooperativa Alfa, com sede em Chapecó (SC).

Outro sistema cooperativo que já anunciou seus investimentos na ampliação da produção de suínos foi a Frimesa. A cooperativa paranaense é a quarta



maior produtora de suínos e tem atualmente um frigorífico com capacidade de abate

de 6,5 mil suínos/dia e já anunciou a construção de um novo frigorífico com capacidade de abate diário de 7 mil suínos e a intenção de brigar pela terceira posição do mercado. Além das agroindústrias líderes e das cooperativas, o movimento de expansão é sentido também em grandes grupos privados como é o caso da Master Agropecuária, maior produtor individual de suínos do Brasil, que vai passar de 32 mil para 50 mil matrizes com a construção de uma nova indústria no município de Mafra (SC).

Assim, a suinocultura brasileira que viveu em 2014 o melhor momento de mercado de toda história da atividade, vai tendo um 2015 também com resultados positivos, fruto do equilíbrio na oferta de animais para o abate e da queda no preço dos grãos, que permitiu uma redução do custo de produção. Também é notável a ampliação da produção das principais indústrias e grupos produtores de carne suína do País, o que vai permitir um novo ciclo de crescimento da atividade nos próximos cinco anos. ■

**médico veterinário formado pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), mestre em agronegócios pela Universidade de Brasília (UnB) e colunista da revista Suinocultura Industrial*